

Édipo, o maldito

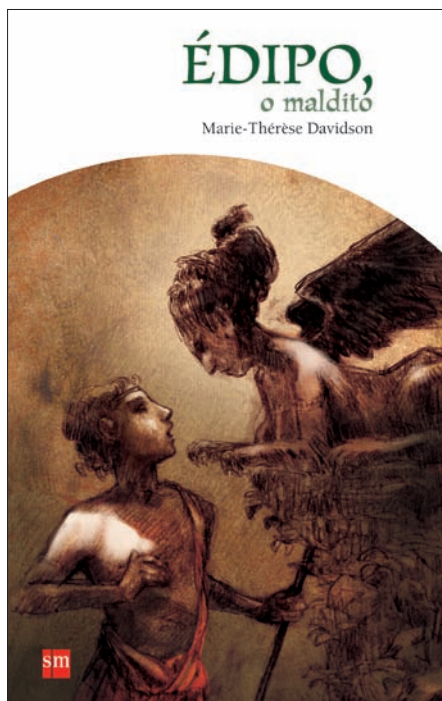
Marie-Thérèse Davidson

Tradução Heitor Ferraz Mello

Temas Destino e livre arbítrio; Parricídio e incesto;
Identidade e auto-engano



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



128 páginas



MITO e Mistério

Aproximar o leitor adolescente do universo da mitologia clássica por meio de “histórias de suspense” com os heróis das tragédias gregas, das epopéias homéricas e de outras fontes literárias: eis o objetivo principal da coleção MITO e Mistério.

À diferença das narrativas mitológicas tradicionais, transmitidas oralmente ao longo de gerações, as histórias dessa coleção apóiam-se em obras conhecidas, recontadas numa linguagem acessível, em forma de romance. O foco geralmente incide sobre a biografia do herói e sobre os elementos de suspense (dramas familiares, assassinatos, vinganças), que os jovens tanto apreciam.

A ênfase nos aspectos simbólicos (relativos ao caráter e ao comportamento dos heróis míticos) permite a discussão de valores e referências culturais que estão na base da nossa civilização, defrontando o público juvenil com questões fundamentais sobre a vida em sociedade, as relações familiares, as escolhas pessoais e os impasses éticos que aí têm lugar.



200896275004

RESUMO

Monte Citerão, entre Tebas e Corinto. Com os pés amarrados, um bebê tebano deve ser deixado ali para morrer. Por piedade, um pastor coríntio consegue levá-lo para sua cidade, onde será adotado pelo rei Pólibo.

Muitos anos depois, consultando o oráculo de Delfos para esclarecer uma dúvida sobre sua origem, o jovem, de nome Édipo, é atingido por uma terrível profecia: seu destino é matar o pai e desposar a própria mãe. A fim de evitar o desastre, Édipo abandona Corinto. Em suas andanças, encontra um velho homem, que o maltrata. Encolerizado, mata o viajante e quase toda sua comitiva (um só homem escapa). Seguindo sem rumo, chega às portas de Tebas, onde a Esfinge propõe-lhe um enigma. Se errar, morrerá. A resposta de Édipo salva a sua vida e a da cidade. Como dupla recompensa, recebe de Creonte – irmão da rainha e até então regente de Tebas – o título de rei e a mão de Jocasta, viúva de Laio, o rei assassinado misteriosamente.

Passam-se mais de quinze anos. Uma peste terrível assola a cidade. Após consulta ao oráculo de Delfos, Creonte diz ao rei que, para livrar a cidade do flagelo, é preciso encontrar e punir o assassino de Laio. Édipo diz aos tebanos que o criminoso, banido, será maldito para sempre. O cego Tirésias, chamado para ajudar nas investigações, diz a Édipo que o assassino está mais perto do que ele imagina.

O rei se lembra então da antiga profecia que o fez sair de Corinto e teme ter fracassado na tentativa de se opor ao seu destino. Nesse ínterim, chega um mensageiro de Corinto noticiando a morte de Pólibo, de quem Édipo não era filho legítimo, conforme se vem a saber.

Quase ao mesmo tempo, aparece o homem que compunha a comitiva de Laio no dia em que este foi morto. Trata-se do mesmo pastor que abandonara o bebê no monte Citerão. Aquela criança está agora diante dele: é o rei de Tebas. Tudo se revela: Édipo matara seu verdadeiro pai (Laio) e desposara sua mãe (Jocasta). A rainha suicida-se e Édipo fura os próprios olhos.

Cego, Édipo decide abandonar a cidade. Seguindo a sugestão de Creonte, porém, permanece por mais algum tempo em Tebas. Testemunhando a luta de seus dois filhos pelo poder, amaldiçoa-os e torna-se novamente andarilho; sua filha Antígona guia-o. Ao aproximar-se dos bosques de Colono, pressente que logo morrerá. A terra que o acolhe se torna sagrada.

METAMORFOSES DO MITO

TRAGÉDIA E NARRATIVA

A narrativa de *Édipo, o maldito* reconta o mito de Édipo a partir de duas das tragédias de Sófocles (496?-406 a.C.): *Édipo Rei* e *Édipo em Colono*.

O **gênero dramático** – de que as tragédias de Sófocles são exemplares – bem como o **gênero épico** – de que a narrativa moderna é uma modalidade – foram inicialmente descritos por Aristóteles (384-322 a.C.) em sua *Poética*. O filósofo grego afirma que *poiésis* (poesia, em grego) é *mímesis*, isto é, a imitação ou representação da ação dos homens. Tanto nos poemas épicos (ou epopéias) de Homero – *Iliada* e *Odisséia* – como em Sófocles, os mitos e ciclos lendários constituíam a matéria a ser imitada. Mas, na épica homérica, o rapsodo (poeta) narrava ações acontecidas num passado longínquo, mesmo que, em dado momento, passasse a palavra aos personagens. Já nas peças dramáticas, as tragédias, os próprios personagens (usando máscaras – *persona*, em latim) atuavam, com falas e gestos, sem a presença ostensiva do narrador. Na épica, como a ação é conduzida pelo narrador, pode haver deslocamentos espaciais e temporais, retrocessos e avanços. Já no gênero dramático, toda a ação tem de ocorrer a partir dos diálogos, num avançar ininterrupto; por isso, o momento inicial, rigorosamente escolhido, tem de conter em si os elementos necessários ao desenvolvimento e à resolução dos conflitos.

A TRAGÉDIA GREGA E SÓFOCLES

A tragédia grega floresceu e degenerou em Atenas, durante pouco mais de um século: entre o final do século VI a.C. e o século V a.C. Nela, há sempre um herói dividido entre o dever político-religioso, coletivo, e a vontade de agir por conta própria, desrespeitando ou afrontando as normas e as crenças comuns. Essa caracterização do herói trágico é decorrência de um momento histórico de transformações na sociedade grega, quando se iniciava a regulação jurídica das normas de conduta, que entrava em conflito com as tradições religiosas.

As modificações introduzidas por Sófocles no ciclo lendário tebano revelam que, em suas tragédias, o centro do palco é ocupado pelos conflitos entre liberdade e fatalidade. Édipo ousa afrontar o destino, julgando-se dono de seus atos; ao fazê-lo, comete o descomedimento – *a hybris*. Disso advém não apenas seu triunfo, mas também a queda terrível, com a virada total de sua



sorte: o poderoso e orgulhoso rei torna-se o grande maldito. A queda trágica de Édipo é governada por *Nêmesis* – entidade que castiga o crime e que abate o orgulho de homens que se julgam felizes. Só ao final da vida, depois de muitos sofrimentos, os deuses, que Édipo se atrevera a desafiar, perdoam-no.

CORO E CATARSE

Na tragédia de Sófocles, a ação se inicia quando a peste já se instalou em Tebas. Todo o desenvolvimento do enredo decorrerá dos eventos apresentados no início, quando Édipo se dirige ao sacerdote e aos cidadãos tebanos, avisando-os de que logo se saberá como purificar a cidade. Num rigoroso desenvolvimento causal – e sem deslocamentos no tempo e no espaço –, os fios entrelaçados do enredo vão sendo desatados. Num jogo em que cada acontecimento traz novas e surpreendentes reviravoltas (as *peripécias*), tudo culmina na revelação (*anagnórisis*) dos erros e acasos que resultaram na consumação dos crimes do rei e no cumprimento da *maldição dos Labdácidas* (ver anexo “Origem e variantes”, p. 107).

Na composição da tragédia, há dois planos de ação: o que se desenvolve a partir dos diálogos entre as personagens (Édipo, Creonte, Jocasta, Tirésias, o Sacerdote, o Corifeu) e dos comentários do **coro**. O coro, formado por vários atores falando em uníssono, funcionaria como uma espécie de “personagem coletivo”, representante dos mais velhos cidadãos tebanos e, portanto, da ordem tradicional da cidade, que se dirige a todos os espectadores. Ao final de *Édipo Rei*, o **Corifeu** – a pessoa mais influente do coro – afirma que a queda trágica do herói encerra um ensinamento:

– *Vede bem, habitantes de Tebas, meus concidadãos!*
Este é Édipo, decifrador dos enigmas famosos;
ele foi um senhor poderoso e por certo o invejastes
em seus dias passados de prosperidade invulgar.
Em que abismos de imensa desdita ele agora caiu!
Sendo assim, até o dia fatal de cerrarmos os olhos,
não devemos dizer que um mortal foi feliz de verdade
antes de ele cruzar as fronteiras da vida inconstante
sem jamais ter provado o sabor de qualquer sofrimento!

[SÓFOCLES, *A trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona*. Tradução Mário da Gama Kury. 11. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. p. 97.]

A tragédia, como nos explica Aristóteles, provoca a catarse (purgação ou purificação) dos sentimentos humanos mais paradoxais – o terror e a piedade. Nada do que fez Édipo mereceria a punição que sobre ele se impõe – por isso nos apiedamos dele; tudo o que

lhe acontece poderia ocorrer a qualquer outro ser humano – por isso sentimos terror. Na história de Édipo, cifra-se a condição trágica não apenas de um homem, mas do destino humano.

O DRAMA DO INDIVÍDUO E A TRAGÉDIA DA IDENTIDADE

Em *Édipo, o maldito*, a opção pelo gênero épico permite reorganizar o andamento do enredo, com a narração cronológica dos acontecimentos. Além disso, o narrador também tem acesso à interioridade da personagem. O conflito psicológico de Édipo põe-se à mostra quando o narrador relata os pesadelos em que o jovem, mesmo longe de Corinto e daqueles a quem chama de pais, continua a carregar consigo o terror causado pelas palavras do oráculo: nos estranhos sonhos, ao acariciar aquela a quem julga ser sua mãe, ele se vê com as mãos cobertas de sangue.

Também é a marca da psicologia do herói que surge em um belo poema de Konstantinos Kaváfis (1863-1933), escrito a partir da contemplação de *Édipo e a Esfinge*, de Gustave Moreau (ver anexo “Releituras”, p. 111). Nele, além da tradução verbal das imagens plásticas, o eu-lírico aproxima-se do herói que, assustado, vence o monstro, mas não a tristeza que permanece em seus olhos:

*Sobre ele impende a Esfinge,
armada de unhas e dentes
e de todo o agrume da vida.
Édipo tombou ao seu primeiro bote:
esse porte e esse modo de falar,
sua fantasia nunca os figurara antes!
Embora o monstro no peito de Édipo
calcasse duas patas dianteiras,
ele se recobra e desteme-o:
guarda a chave do enigma e sabe da Vitória.
De alegria, porém, nenhum traço festivo
nos olhos turvos de melancolia.*

[Poema traduzido por Haroldo de Campos para a edição de *Édipo Rei*.
Tradução Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 7.]

Distantes de nós tantos séculos, *Édipo Rei* continua a ter muito a nos dizer. Historiadores, helenistas, psicanalistas, antropólogos, todos já se voltaram para esse drama do indivíduo, em luta por sua liberdade: descobrir qual é a verdadeira identidade traz a percepção de que há algo de indecifrável nela. Talvez por isso ele ainda nos desafie e talvez por isso possamos, nos olhos cegos de Édipo, reconhecermos a nós mesmos.

NA SALA DE AULA

O JOGO DA ESFINGE

A adivinha é uma das mais antigas formas da invenção humana e seu encanto se repõe a cada geração. Em *Édipo Rei*, ela aparece sob o nome de “enigma”, uma pergunta formulada de modo misterioso e que exige a resposta exata, pois quem erra paga com a vida. “Decifra-me ou devoro-te”, eis o lema da Esfinge.

No entanto, as adivinhas podem se tornar não um jogo de vida e morte, como no caso da Esfinge, mas uma brincadeira inteligente. As palavras “O que é, o que é?” são usadas de maneira a tornar incomum algo bastante conhecido.

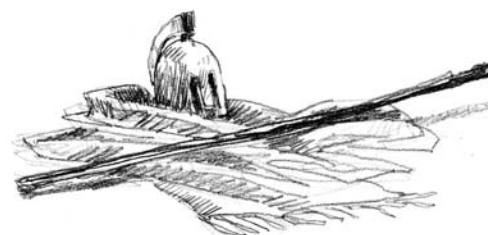
Sugere-se, então, que os alunos disputem o “jogo da Esfinge”. Com a classe dividida em dois “times”, cada grupo se coloca no papel da Esfinge e propõe enigmas ao outro, que fará o papel de Édipo – e, depois, invertem-se as posições. Quem vencer será coroado rei; quem perder dramatizará sua morte. Ao final da atividade, a classe organizará um *Dicionário de Adivinhas*.

UMA TEMPORADA NO OLIMPO

Tebas é protegida por Apolo, Ártemis e Atena, todos moradores do Olimpo, presidido por Zeus. O universo das divindades gregas se estrutura como uma espécie de mundo paralelo, capaz, no entanto, de alterar o destino dos homens, punindo-os ou beneficiando-os. A proposta é que os alunos pesquisem o mito de origem do Cosmos e a genealogia do Olimpo. Podem-se sugerir os nomes de: Titãs, Crono, Zeus, Hera, Apolo, Ártemis, Atena e Hades, alguns dos quais mencionados em *Édipo, o maldito*. A partir dessa etapa, a classe, dividida em grupos, escolherá apresentar uma história da mitologia grega que lhe desperte interesse. Entre outras, indica-se a história de Dédalo, Prometeu, Hércules – também nas versões recontadas por Monteiro Lobato (em *Os doze trabalhos de Hércules*). As histórias serão apresentadas para a classe sob a forma dramática, com diálogos entre as personagens.

DA ESTÓRIA À HISTÓRIA

Os mitos gregos, bem como sua reinterpretação pelas epopeias e pelas tragédias, fazem referências (mesmo que fantasiosas) a acontecimentos históricos. O tema desta atividade seria, então, uma pesquisa sobre a relação entre realidade histórica e obras literárias, a partir de algumas questões: qual o fato que originou a *Ilíada*, de Homero? O que ocorria na Grécia, nos séculos VI e V a.C., quando surgiu a tragédia? Qual foi o destino de Édipo, segundo a tragédia *Édipo em Colono*, de Sófocles? O que ocorreu com Eteócles e Polinices, segundo a tragédia *Sete contra Tebas*, de Êsquilo? E com Antígona, segundo a tragédia *Antígona*, de Sófocles?



Para a realização dessa atividade, o professor de Língua Portuguesa pode realizar um trabalho conjunto com o de História.

MISTURAS GROTESCAS

A Esfinge que desafia Édipo é um dos monstros grotescos criados pela imaginação. As imagens grotescas se caracterizam pela combinação de elementos de diferentes reinos (animal e vegetal) ou de partes do corpo de vários animais, reunidos em uma mesma figura. Sugere-se que os alunos retomem a descrição da Esfinge (capítulo 4) e, em grupos, criem uma escultura que a represente. As várias peças criadas ficarão em exposição na classe.

Também se poderá discutir com os alunos como as imagens grotescas povoam o imaginário, propondo-lhes uma pesquisa sobre a cultura popular: quais são as figuras grotescas presentes no lendário brasileiro?

Outra opção é a pesquisa com imagens da cultura contemporânea. Em alguns filmes de ficção científica e de terror, há figuras grotescas que podem ser objeto de discussão: por que essas imagens nos assustam?

A atividade pode culminar com um desenho: cada aluno inventaria sua própria figura/personagem grotesca.

ARENA POLÍTICA

A tragédia grega exercia uma função no debate público sobre os rumos da cidade de Atenas. Depois de explicar para a classe a estrutura da tragédia (com os personagens em diálogo direto e a presença dos comentários do coro e do Corifeu), o professor propõe aos alunos que escolham um trecho de *Édipo, o maldito* e o encenem. Para transpor o texto (do gênero épico para o dramático), eles aproveitariam os diálogos do livro, inventariam livremente outras falas ou, ainda, pesquisariam o texto de Sófocles. Na representação, cenários e figurinos seriam improvisados. A atividade finalizaria na apresentação de um Concurso de Dramaturgia, antecipado pela explicação do professor: as tragédias gregas eram apresentadas nos Concursos Trágicos, na Atenas dos séculos VI e V a. C. Todos os cidadãos podiam tomar parte nesses concursos e o vencedor era aquele que, segundo o juízo da cidade, captasse e exprimisse melhor os valores e questionamentos da sociedade naquele momento histórico.

O CEGO E A SABEDORIA

Tirésias, sacerdote de Apolo, é cego e vidente, um homem capaz de entender os desígnios dos deuses e de reconhecer o que ainda não é visível. Em muitas culturas, a imagem do cego remete à imagem do sábio, aquele que é capaz de apreender o que os outros homens ainda não vêem. Na tradição grega, o “Mito da caverna”, de Platão (em *A república*), expressa a idéia de que ficar

preso ao que se vê – os homens estão presos na caverna, contemplando apenas sombras – não significa *conhecer a verdadeira realidade* – que está fora da caverna. Depois de contar a seus alunos uma versão desse mito, o professor pode propor uma pesquisa sobre histórias em que aparece o personagem do cego sábio no lendário brasileiro. O registro escrito das histórias comporá uma coletânea cujo título será escolhido pela classe.

OS FAVORITOS DO REI

Em sua luta por livrar Tebas da peste que assola a cidade, Édipo quer não apenas cumprir seus deveres cívico-religiosos, mas também manter-se no poder. Ele sabe que o lugar do rei – por sua influência e importância – é alvo da inveja de outros homens e por isso pode gerar traições. Tomado por suspeitas, Édipo acusa Creonte de ter tramado um golpe contra Laio, que resultou na morte do rei. Tem certeza de que agora Creonte quer incriminá-lo e para isso vale-se do apoio de Tirésias. Creonte lhe diz, então: “Não tenho nenhuma necessidade de pensar, decidir, ser responsável! Você acha que eu gostaria de deixar este lugar? Para ocupar o seu?” (capítulo 10, p.77 e 78).

Nesse momento da narrativa, fica claro que ser rei implica poder e responsabilidades; já aqueles que estão próximos dos poderosos podem apenas desfrutar os benefícios. A fala de Creonte é lançada para a discussão do tema: é melhor ser rei ou ser amigo do rei? Para trazer o tema para a atualidade, a pesquisa em jornais é útil (casos públicos em que relações de parentesco ou de amizade trazem vantagens para a vida pessoal e profissional).

ELABORAÇÃO DO GUIA IVONE DARÉ RABELLO (PROFESSORA-DOUTORA DO DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO); PREPARAÇÃO FÁBIO WEINTRAUB; REVISÃO CARLA MELLO MOREIRA, PENELOPE BRITO E GISLAINE MARIA DA SILVA